

LIVROS NA MÃO

Por AFONSO CAUTELA

Guia espiritual da esquerda?

O DIÁRIO DE MARTINS PEREIRA

AINDA não foi desta que a esquerda inteligente ganhou, entre nós, o seu «guia espiritual». De facto, no livro «O Dito e o Feito», acabado de publicar pela editora Salamandra, João Martins Pereira vai mais longe do que os seus antecessores, na «radicalização dialéctica do discurso político» mas, nos pontos cruciais, mostra-se de uma timidez e até de uma ignorância confrangedora.

Se ele não consegue ver mais do que «bucolismo ecológico» nesse movimento social de fundo que é o ecologismo (o único a sobreviver no futuro, quando esquerdas e direitas estiverem todas enterradas), dá vontade de perguntar a João Martins Pereira se considera Ivan Illich, Michel Bosquet/André Gorz, Cohn Bendit, Casteriadis ou Rudolfo Bahro, meninos de cor, bucolistas, camponeses ou jardineiros utópicos.

Definitivamente e quanto às argoladas que se continuam repetindo em matérias de instrução primária, temos de perguntar: quando é que estes meninos aprendizes de revolucionários estudam a lição e decoram o *a e i o u o* do ecologismo elementar? Ou o estalinismo mental ainda não caiu nestas tontas cabecinhas?

Quando se ganham pergaminhos de «pensador oficial de esquerda» não é possível já cometer certas gafes nem fazer afirmações como algumas que se repetem sobre ecologismo, à página 55 do livro «O Dito e o Feito».

E muito menos ajuzar com tanta superficialidade, sobre o peso político de Maria de Lurdes Pintasilgo, o único caso que vale a pena ponderar no triste contexto de uma esquerda que, em Portugal, bem pode ser responsabilizada por todos os avanços e vitórias eleitorais da direita.

Coisas afinal lamentáveis em livro a múltiplos títulos tão interessante.

Só os parvos estão optimistas

A propósito de Lurdes Pintasilgo, insurge-se João Martins Pereira contra a moda intelectual que dá por consumada a «morte das ideologias» e a resignação à direita triunfal.

Com a firmeza de quem aprofundou longamente as suas próprias convicções na experiência e no estudo, o autor não se deixa arrastar em equívocos neoliberalistas, onde podem cair os mais fracos com os fracassos da esquerda, ou antes, com o fracasso dos modelos económicos e políticos impostos em nome da esquerda.

Aa leviandade que leva hoje o capitalismo a «cantar vitória» como se a «perestroika» fosse obra sua e significasse, na raiz, o retorno ao canibalismo da livre concorrência e do sistema de mercado, já está antecipadamente criticada neste livro, que não alinha em facilidades e leviandade.

des. Acima de tudo, em optimismos tolos. Só os parvos são optimistas, como diria Kundera, e o que se está passando na Europa significa apenas que o império soviético se está abrindo ao «rock» e aos computadores do mundo ocidental mas que se está fortalecendo por dentro quando cede posições nos países de Leste que até agora tutelava.

Como se pode ler neste diário de quatro anos (1984-1987), João Martins Pereira nunca se deixou iludir pelo optimismo da direita que se chamou neoliberal nem pelos derrotismos da esquerda que já nasceu morta. Ao assumir a autorricia e ao mostrar capacidade de renovação (que a direita já mostrou não ter, pois apenas sabe e pode insistir no regresso automático ao passado) é a esquerda que tem o futuro na mão e não a direita que hoje canta de galo.

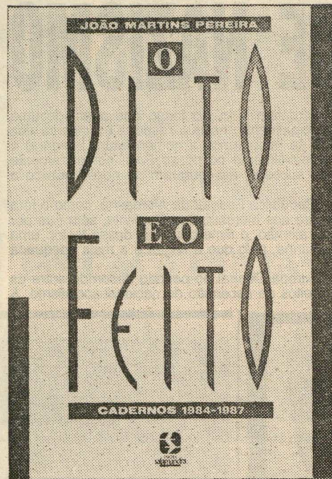
Sem perdoar à mistificação que foi o Clube da Esquerda Liberal e aos neoliberalismos de esquerda que, em Portugal, se apresentam como forma disfarçada e torpe da direita mais canibalesca, João Martins Pereira regista reflexões críticas de fundo a vários sofismas que se aproveitam de uma opinião pública alienada para se imporem como falsas alternativas aos fracassos da Esquerda.

Os fios da meada

A ordem cronológica do diário impõe a disciplina da fidelidade a ideias, experiências, dúvidas mas também a sentimentos que tudo isso pressupõe e que nenhuma ciência humana pode erradicar.

Um intelectual que, como João Martins Pereira, põe o «coração a nu», não é frequente na literatura portuguesa, que de testemunhal tem tanto como de freirática e só *post mortem* a gente sabe que os escritores afinal também foram gente. Em vida, é preciso percorrer a via sacra dos géneros estabelecidos e vendáveis, pelo que escrever um livro de ideias, dia a dia com geninas inerentes significa além do mais um acto de coragem... cívica. E para o editor que o faz — neste caso a Salamandra — uma ousadia que pode não encontrar eco no marketing que rege estas coisas com leis de ferro.

Seguir o fio de um discurso que se confunde com a vida de quem o pensa, eis o que a ficando esquecido dos nossos hábitos intelectuais mas que «O Dito e o Feito» retoma com grande dignidade. João Martins Pereira diz em livro o que normalmente se destina à crónica jornalística, sabendo, no entanto, muito bem o que perdura para lá da contingência e ressaltando sempre, por isso, o essencial do acessório.



Não é uma sequência de nulidades superficiais este seu trajecto, este seu testemunho pessoal e político, mas o reatar constante de vários fios fundamentais de uma meada que se vai adensando e forma um tecido ensaístico de rara subtilidade. Escrever bem, pensando melhor — é o que os livros que se vão publicando cada vez menos nos mostram, aparecendo «O Dito e o Feito» como uma assinalável excepção.

O género diarístico não se tornou obsoleto, embora o jornalismo o absorva hoje quase por completo, pelo lado menos consequente e com uma limitação básica: por mais livre que seja hoje a imprensa, há sempre uma autocensura latente quando se fala para um público vasto e heterogéneo, num meio maciço de informação.

O livro, pelo contrário, é livre e permite as nuances, até o calão e o radicalismo que um pensamento verídico tem necessariamente pudor em revelar em jornais de média ou grande audiência. Isto pressupõe que João Martins Pereira devesse ser um dos mais disputados cronistas da nossa praça jornalística, pelo que aqui o recomendamos como colunista de impacto aos vespertinos e matutinos portugueses...

ARTHUR WILLIAM COSTIGAN

«CARTAS SOBRE A SOCIEDADE E OS COSTUMES DE PORTUGAL (1778-1779)»

LISÓPTIMA EDIÇÕES

Em 1787 é editado, em Londres, um dos livros mais verrinosos sobre os costumes da classe dominante em Portugal, escrito pelo oficial inglês James Ferrer, que se acobertava sob o pseudónimo de Arthur William Costigan, possivelmente por ter represálias da corte lisboeta.

Exactamente dois séculos e dois anos depois, aparece em Lisboa, graças aos cuidados da Editora Lisóptima, a versão portuguesa desta obra, que se poderá considerar, talvez, a visão mais tendenciosa e venenosa de um estrangeiro sobre as altas hierarquias portuguesas, quer do Estado quer eclesiásticas e militares.

Tudo o que o distinto oficial britânico considerava imoral ou menos digno de gente cortês é matéria dos seus registos implacáveis que, sob a forma epistolar, oscilam entre os factos e a ficção romanesca.

Durante um longo período, quase todos os viajantes de marca oriundos das ilhas britânicas (um Kingston, um Southey, uma Mary Wolstonecraft, entre outros) leram o livro de Costigan com uma bíblia.

A razão de terem estes abundado em idéntico sentido, salta à vista. Portugal surgia-lhes como terra eleita para expenderem, à custa dela, as suas idénticas teses de situação: preconceituosas, dogmáticas e, de abaixo de tudo luminosa quanto enganosa aparência, obscurcedoras.

«Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal (1778-1779)» se chama este livro que influenciou gerações de britânicos, levando-os a acreditar, para nosso bem, que Portugal era esse ninho de incestos e perversões sexuais que, em tantas passagens da sua prosa, o dito Costigan descreve. No fundo, e se fosse hoje, uma boa propaganda turística... A julgar por este britânico que se dizia não puritano, o movimento «gay» já naquela época se encontrava activo em Portugal e tinha ilustres representantes, inclusive e nomeadamente na classe eclesiástica. A «cunha», como instituição portuguesa, também comparece, como entidade mítica e quase extraterrestre que o autor descreve aos compatriotas britânicos, como se eles não conhecessem tão bem ou melhor do que os portugueses o suborno à inglesa.

Como refere José Pedro Vicente, editor da obra e director da colecção, «fica-nos, da leitura destas «Cartas», mal-grado a inimizade do seu autor e, por vezes, graças a ela, o retrato de um país escapando largamente à descrição que dele foi feita e, com frequência, parecendo rir-se dela...»

Segundo o editor, o livro apresenta-se como «um texto normativo, informando por uma estrutura a um tempo descritivo-analítica e romanesca. Poder-se-ia chamar-lhe um romance ideológico e, enquanto tal, o romance das luzes contra o obscurantismo, do livre-exame, tornado já livre-pensamento, contra o dogmatismo».

O balanço que José Pedro Vicente faz da obra é positivo e por isso a editou: «O que sobeja ou, melhor, resiste ao empreendimento desfigurador de Costigan-Ferrer possui, ainda assim, uma tal força que, da leitura destas «Cartas» resulta (para lá do vário divertimento do romance...) algo de verdadeiramente tónico para a cultura e a civilização portuguesas.»

Tal como nos prometeu no seu lançamento, a nova editoria Lisóptima continua não só a cumprir o anunciado calendário de edições como se mantém fiel ao estilo de grande nível gráfico para todo o que publica. Índices biográficos para um e outro dos dois volumes, além de 16 ilustrações da época, a cores, são sinal evidente desse empenho posto no aprimoramento de uma colecção que merece, com certeza, o melhor acolhimento dos leitores, mesmo os que não sejam apenas colecionadores de obras raras.

RODAPÉ

• John Le Carré
UM CRIME QUASE PERFEITO
Edições 70

Os romances de John Le Carré, que têm como figura central o velho espião Smiley, são largamente conhecidos dos apreciadores do género, até porque foram objecto de adaptações para o cinema e a televisão. Há um ano, Edições 70 publicou, em edição de bolso, dois romances de Le Carré, um dos quais é objecto da presente reedição. Não são dois vulgares romances do autor. São, na verdade, os dois primeiros livros onde surge a figura de Smiley.

Em «Um Crime quase Perfeito» («A Murder of Quality», no original), Smiley é confrontado, não com um caso de espionagem mas com um mistério, relativamente ao qual solicita a sua colaboração. A mulher de um professor universitário sente-se ameaçada de morte pelo marido e confessa-se em pânico à directora de um jornal local. De facto, vai ser assassinada. Mas aquilo que parece não é, e o leitor absorve-se na leitura,

num crescendo de «suspense» até ao clima inesperado.

• Tom Clancy
O CARDEAL DO KREMLIN
Editora Difusão Cultural

As negociações para o desarmamento entre as duas superpotências parecem progredir a bom ritmo. Porém, um satélite de espionagem norte-americano revela que os soviéticos estão a construir um gigantesco dispositivo de defesa «laser», que tem o seu centro nevrálgico numa zona montanhosa próxima da fronteira com o Afeganistão. A CIA necessita, urgentemente, de mais informação, e só o coronel Mikhail Filitov pode fornecê-la. «Cardeal» é o seu nome de código, e ocupa o lugar cimeiro entre os espões infiltrados no Kremlin. Mas está prestes a ser denunciado ao KGB... Jack Ryan, ex-oficial americano, precisa agir depressa e trazê-lo, são e salvo, para o Ocidente.

É esta a trama de «O Cardeal do Kremlin», «best-seller» de Tom Clancy, considerado o «in-

contestável mestre do «suspense» tecnológico». O livro, com efeito, pretende conduzir-nos aos bastidores da competição tecnológica que se desfaz sob o nome romântico de «guerra das estrelas».

• Edmund Leach
A DIVERSIDADE DA ANTROPOLOGIA
Edições 70

Através de uma análise das relações do poder e das relações familiares em diferentes sociedades primitivas, o autor constrói uma teoria antropológica particular, mostrando a interdependência de todas as dimensões da vida social. Para isso, adopta um método muito pessoal, uma síntese englobante das mais importantes correntes da antropologia deste século.

O próprio autor afirma que o livro se destina aos estudiosos de antropologia, não obstante a posição subjectiva que voluntariamente adopta na abordagem do tema. Por essa razão, a obra poderá ser apreciada pelo público que se revela interessado neste campo do saber.

ELECTRODOMÉSTICOS
COLCHOARIA MOBILIÁRIO
df
AGÊNCIA PHILIPS

COLCHOARIA DO CAMPO PEQUENO

• COMPRE SEM JUROS •

CAMPANHA DE NATAL • FRIGORÍFICOS/ARCAS CONGELADORAS

MÁQUINAS DE LAVAR/MOBILIÁRIO/ESTOFOS/COLCHOARIA

CONSULTE-NOS, TEMOS AS MAIORES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEDE: Rua Chaby Pinheiro, 6-A — Telef.: 77 37 14 - 77 37 20 • FILIAL: Rua Entrecampos, 21-B — 1000 LISBOA

EDESA
ELECTRODOMÉSTICOS

